

Indicação ao título de *Doutor Honoris Causa* para
ELZA SOARES
pela UFRGS



Proponentes:

**Departamento de Difusão Cultural – DDC/PROEXT/UFRGS
Instituto de Artes – IA/UFRGS**

**Relatoras: Luciana Prass (DEMUS),
Celina Alcântara (DAD) e Lígia Petrucci (DDC)**

*“Eu sou a mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim”*

(Excerto da canção “A mulher do fim do mundo”,
de Romulo Fróes e Alice Coutinho, 2017)

SUMÁRIO

Indicação de Elza Soares a *Doutor Honoris Causa* na Ufrgs, 4

Justificativa: de cantora do planeta-fome à cantora de todo o planeta, 4

Minha voz eu uso pra dizer o que se cala – proposição, 8

Breve *intermezzo* poético/musical/reflexivo: A carne, 8

Produções artísticas e culturais de/sobre Elza Soares, 9

Discografia, 9

Coletâneas, 11

DVDs, 12

Composições, 12

Livros, 12

Documentários, 12

Participação em Filmes, 13

Musicais, 13

Entrevistas e depoimentos, 13

Homenagens, prêmios e indicações a Elza Soares, 14

Homenagens, 14

Prêmios e indicações, 14

Dados artísticos de Elza Soares (por Ricardo Cravo Albim), 15

Elza Soares (por Rodrigo Faour), 23

Referências, 25

Bibliografia crítica, 25

INDICAÇÃO DE ELZA SOARES A *DOUTOR HONORIS CAUSA* NA UFRGS

Tendo em vista o que prevê o *Regimento Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Sul* em seu Título VI, Art. 81, II, que trata “Das distinções universitárias”, vimos através da presente documentação indicar a concessão do título de Doutor *Honoris Causa* à cantora e compositora **Elza Soares**. O referido Art. 81, II, dispõe sobre a distinção acadêmica por meio da concessão do título de Doutor *Honoris Causa* a “personalidades que se tenham distinguido na vida pública ou na atuação em prol do desenvolvimento da Universidade, do progresso das ciências, das letras e das artes”. Tal distinção aplica-se ao perfil artístico e sócio-humanitário da cantora e compositora Elza Soares em virtude do significado de sua atuação pública desde a década de 1950 conforme dados que serão apresentados a seguir, fundamentados na documentação anexa que compõe o presente dossiê.

JUSTIFICATIVA: DE CANTORA DO PLANETA-FOME À CANTORA DE TODO O PLANETA

*Ary Barroso: De que planeta você veio?
Elza Soares: Do planeta-fome, seu Ary.
(Programa “Calouros em Desfile”, Rádio Tupi, Rio de Janeiro, 1953)*

*“O meu país é meu lugar de fala”.
(Excerto da canção “O que se cala”, de Douglas Germano, 2018)*

*“Elza da Conceição Soares, known professionally as Elza Soares (born June 23, 1937) is a Brazilian samba singer. In 1999, she was named Brazilian Singer of the Millennium by BBC Radio”.
(Excerto da biografia de Elza Soares disponível no site da BBC Music, de Londres).*

Elza Soares, nascida no Rio de Janeiro Elza Gomes da Conceição em 1937 (ou 1930?), cresceu em Água Santa (hoje Vila Vintém), uma das primeiras favelas do Rio de Janeiro, no subúrbio do bairro Engenho de Dentro. Filha de Avelino Gomes, operário, e de Rosária Maria da Conceição, lavadeira, a música sempre esteve presente em sua vida.

O pai tocava violão e cantava, e Elza sempre o acompanhava com sua voz rouca e sua rítmica sincopada, afinada à socialização na cultura do samba dos morros cariocas. Fruto das dificuldades de crescer como mulher, negra, em meio às agruras de condições sócio-econômicas duríssimas, tornou-se mãe aos 12 anos de idade e aos 21 ficou viúva. Nesse momento, mãe de 4 filhos, trabalhou como lavadeira e como operária numa

fábrica de sabão para sustentar as crianças. Somente aos 20 anos, aproximadamente, fez seu primeiro teste como cantora, sendo contratada para cantar na Orquestra de Bailes Garan e, posteriormente, no Teatro João Caetano, como cantora no Teatro de Revista *Jou-jou frou-frou*, dirigida por Mercedes Batista.

Foi através desse trabalho que foi convidada para uma temporada em Buenos Aires. Nesse período na capital argentina, que se estendeu por um ano, longe das crianças, passou por inúmeras dificuldades, ao mesmo tempo que cresceu como intérprete, cantando todo tipo de música, inclusive tangos, razão de sua aproximação a Astor Piazzola (1921 – 1992), compositor e bandoneonista, que tornou-se grande amigo.

De volta ao Rio de Janeiro, precisou retornar à cena musical da cidade. Fez então um teste para a Rádio Mauá, passando a se apresentar de graça no programa de Hélio Ricardo. Por intermédio do também cantor e compositor Moreira da Silva (1902 – 2000), que a ouviu nesse programa, foi para a Rádio Tupi e depois começou a trabalhar como *crooner* da boate carioca *Texas*, no bairro de Copacabana, onde conheceu Sylvia Telles (1934 – 1966), nessa época já uma reconhecida cantora da nascente Bossa Nova, e Aloísio de Oliveira (1914 – 1995), então diretor musical da Odeon, que a convidou para gravar.

“Que cor que a menina tem?”

Seu primeiro disco foi gravado em 1960, pela Odeon, quando lançou *Se acaso você chegasse*, do gaúcho Lupicínio Rodrigues (1914 – 1974) junto a Felisberto Martins (1904 – 1980), alcançando logo grande sucesso. Ressalte-se que outras gravadoras como a RCA Victor já haviam demonstrado interesse em contratá-la ao ouvi-la cantar no rádio, mas sabendo tratar-se de uma cantora negra, recuaram.

Em 1962, como artista representante do Brasil na Copa do Mundo, que se realizava em Santiago, Chile, cantou ao lado do representante norte-americano, Louis Armstrong (1901 – 1971), renomado jazzista que, coincidentemente, além de exímio trompetista, tornou-se cantor identificado, assim como Elza, pelos “rasgados” na interpretação vocal. Nessa época Elza conheceu o futebolista Garrincha, com quem casaria mais tarde, vivendo uma relação que durou 17 anos.

Dos anos 60 até hoje, sem nunca parar de trabalhar, Elza gravou 126 discos entre singles e álbuns. Sua voz rouca e “rasgada”, sua capacidade de improvisação –

comparável a instrumentistas renomados do *Bebop* – um dos gêneros mais virtuosísticos do jazz –, sua versatilidade interpretativa, construída graças a anos de atuação como *crooner* de orquestras de baile em boates e clubes, partindo da sua raiz no samba e indo ao rap contemporâneo, passando por tangos, boleros, Bossa Nova, jazz e rock, chegando a substituir a cantora norte-americana Ella Fitzgerald (1917 – 1996) em shows (Itália, 1984), fazem de Elza Soares uma cantora sem precedentes em nosso país.

Mas Elza é mais que uma voz que canta. Ao longo de sua trajetória, lançando inúmeros artistas, envolvendo-se em projetos sociais ligados à música, eleita a cantora do milênio pela BBC de Londres em 1999, indicada ao Grammy Latino em 2003, pelo álbum “Do cóccix até o pescoço” e campeã desse mesmo Grammy em 2016, pelo álbum “A Mulher do Fim do Mundo”, sua voz – negra, feminina, suingada, rasgada –, representa muitas outras mulheres e homens negros do país que, nascidos em condições sócio-econômicas precárias, reflexo do processo histórico de exclusão e sob as marcas do preconceito étnico-racial, resistem, lutam, vencem em suas carreiras e carregam outros em suas conquistas.

Infelizmente, “... *a carne mais barata do mercado [ainda] é a carne negra...*”, canta forte Elza Soares a canção de Seu Jorge (1970 –), Marcelo Yuka (1965 – 2019) e Ulisses Capelleti (1968 –), com a propriedade que seu “lugar de fala” (Ribeiro, 2017) lhe autoriza. Sua performance e sua vida representam no Brasil de hoje milhares de homens e mulheres negras cujas vidas são ainda menosprezadas, violadas, vítimas de todos os tipos de violência, inclusive o assassinato. Vidas como a de Claudia Silva Ferreira, mulher negra, mãe de 8 filhos, trabalhadora, que perdeu sua vida e identidade e ficou conhecida simplesmente como “A mulher arrastada”, após ser baleada, ter seu corpo jogado em um camburão e arrastado – ao cair do porta-malas – por policiais militares no Morro da Congonha, no Rio de Janeiro, em 2014, quando se dirigia à padaria para comprar pão para dar de comer a seus filhos; ou a deputada negra, ativista e defensora dos direitos humanos, Marielle Franco, assassinada por milicianos em 2018; ou ainda, Pedro Gonzaga, o jovem negro asfixiado por um dos seguranças do supermercado Extra, nesse fevereiro de 2019. Elza canta pelos 63 jovens negros e negras mortos a cada dia no Brasil¹.

Entendemos que o acolhimento da presente indicação, pioneira no país, representará, da parte desta Universidade, um gesto de reconhecimento público do valor

¹ Dados sobre o assassinato de jovens negros levantados pela CPI do Senado. Disponíveis em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-36461295>.

e relevância de uma obra e de uma atuação extensas e diversificadas que vêm inspirando gerações mas que, no presente momento, vem fortalecendo especialmente mulheres e homens negros e negras que lutam por oportunidades, justiça social, respeito e dignidade, num país profundamente marcado por uma herança racista que recrudesce de forma muito violenta em pleno século XXI. A performance sexagenária de Elza, atuante ainda hoje, aos 82 anos, sempre foi e cada vez mais é comprometida com as camadas populares racial e socialmente discriminadas e, ao mesmo tempo, sua figura de mulher negra, artista reconhecida e respeitada, trouxe e traz visibilidade, autoestima e empoderamento aos grupos provenientes das comunidades periféricas de todos os cantos deste país monumental, contribuindo de maneira singular para a renovação da música popular do Brasil.

Para a UFRGS, universidade pioneira na reserva de vagas através de cotas raciais e sociais, antecipando em 4 anos a Lei Federal que a tornou obrigatória em todas as universidades públicas do país², o reconhecimento da carreira de Elza Soares, através da concessão do título de *Doutor Honoris Causa* fortalece a presença de estudantes mas também de técnicos e docentes, negros e negras de nossa universidade, marcando um posicionamento político de reconhecimento de outros saberes e de outras epistemologias como fundamentais ao desenvolvimento da ciência, da tecnologia, das artes e das humanidades na educação brasileira.

Ressalte-se ainda que, apesar de vários músicos populares terem sido reconhecidos em diversas universidades do mundo, seria a primeira vez na história do Brasil que uma cantora, mulher, negra, receberia o título de *Doutor Honoris Causa*³.

Salienta-se também que tal reconhecimento ocorre em um momento em que a UFRGS, após a implantação do Bacharelado em Música Popular⁴ (em 2012), é hoje reconhecida como uma das oito universidades federais brasileiras a equiparar os saberes musicais de múltiplas raízes sócio-históricas, na esteira do pensamento decolonial que hoje é discutido nas principais universidades do mundo.

² Vide Decisão 134/2007 do Consun/UFRGS e Lei 12.711/2012.

³ Outros músicos populares do Brasil foram agraciados com o título de *Doutor Honoris Causa* a partir dos anos 2000. O primeiro deles foi Gilberto Gil – Universidade de Aveiro, Portugal (2006). Nos anos seguintes: Luiz Gonzaga (*in memoriam*) – UFRPE, 2012; Milton Nascimento – UEMG (2012) e Berklee, EUA (2016); Waltel Branco – UFPR (2012); Sebastião Tapajós – UFOPA (2013); Naná Vasconcelos – UFRPE (2015); Geraldo Azevedo – UPE e UNIFASF (2016); Nei Lopes – UFRGS (2017); Martinho da Vila – UFRJ (2017); Hermeto Paschoal – New England Conservatory, EUA (2017) e Egberto Gismonti – UNIRIO (2017). Ressalte-se que Maria Bethania foi a única mulher brasileira, ligada à música popular, a receber a distinção até o momento (UFBA, 2016).

⁴ Para maiores informações ver Prass; Zanatta; Abreu *et al.* (2010) e Presser (2013 e 2018).

“MINHA VOZ EU USO PRA DIZER O QUE SE CALA”: PROPOSIÇÃO

Em face do que foi exposto, submetemos aos colegiados e instâncias competentes a presente indicação de concessão do título de Doutor *Honoris Causa* a Elza Soares. Tal gesto terá grande significado simbólico e confirmará publicamente a vocação plural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e seu compromisso com a sociedade como um todo, levando em consideração, sobretudo as premências de uma época na qual as ações antirracistas e de valorização da cultura afro-brasileira são fundamentais no combate a esse grande mal que ainda nos assola chamado racismo.

BREVE INTERMEZZO POÉTICO/MUSICAL/REFLEXIVO: A CARNE

A carne

Seu Jorge, Marcelo Yuka e Ulises Capelleti (2002)

*A carne mais barata do mercado
É a carne negra*

*Que vai de graça pro presídio
E pára debaixo do plástico
E vai de graça pro sub-emprego
E pros hospitais psiquiátricos*

*A carne mais barata do mercado
É a carne negra*

*Que fez e faz e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra aqui, não se sente revoltado
Porque o revólver já está engatilhado
E o vingador eleito*

*Mas muito bem intencionado
E esse país vai deixando todo mundo preto
E o cabelo esticado
Mas mesmo assim, ainda guarda o direito
De algum antepassado da cor
Brigar sutilmente por respeito
Brigar bravamente por respeito
Brigar por justiça e por respeito (Pode acreditar)
De algum antepassado da cor
Brigar, brigar, brigar, brigar*

*A carne mais barata do mercado
É a carne negra, negra, negra, carne negra*

PRODUÇÕES ARTÍSTICAS, CULTURAIS E BIBLIOGRÁFICAS DE/SOBRE ELZA SOARES

Discografia

1. (2018) Deus é mulher • Deck • *CD*
2. (2017) End of the world – Remixes • Mais um Discos • *CD*
3. (2016) Elza canta e chora Lupi • Coqueiro Verde Records • *DVD*
4. (2015) Anganga (c/ Cadu Tenório) • QVT • *CD*
5. (2015) Encarnado • Goma Gringa Discos • *LP*
6. (2015) A mulher do fim do mundo • Circus • *CD*
7. (2011) 100 Anos de Música popular Brasileira, Vol. 7 e Vol. 8 (participação) • Discobertas/ ICCA • *CD*
8. (2011) O samba carioca de Wilson Baptista (participação) • Biscoito Fino • *CD*
9. (2010) Pilão + Raça = Elza • Discoberta • *CD*
10. (2010) Somos todos iguais • Discoberta • *CD*
11. (2009) Arrepios - Elza Soares & João de Aquino • Selo Pivetz • *CD*
12. (2007) Beba-me - Elza Soares ao vivo • Biscoito Fino
13. (2007) Chega de Saudade (trilha sonora do filme) • Universal Music • *CD*
14. (2003) Trilha sonora do filme "Lisbela e o prisioneiro" • vários • *CD*
15. (2003) Um ser de luz - saudação à Clara Nunes • Deckdisc • *CD*
16. (2003) Vivo feliz • Selo Reco-Head • *CD*
17. (2003) A bossa negra • Universal Music • *CD*
18. (2002) Duetos-Chico Buarque • (participação) • *CD*
19. (2002) Do cóccix até o pescoço • Maianga Discos • *CD*
20. (2002) Jorge Aragão ao vivo convida • Indie Records • *CD*
21. (2000) Cole Porter, George Gershwin-canções, versões-por Carlos Rennó. (vários) • Independente • *CD*
22. (1999) Carioca da gema • Independente • *CD*
23. (1999) Meus Momentos (disco duplo) • EMI • *CD*
24. (1999) Raízes do Samba • EMI • *CD*
25. (1997) Trajetória • *CD*
26. (1997) Salve a Mocidade. Volume • *CD*
27. (1989) Sei lá Mangueira • Odeon • *Compacto simples*
28. (1988) Voltei • RGE • *LP*
29. (1986) Somos todos iguais • *LP*
30. (1982) Dindi • Odeon • *Compacto simples*
31. (1980) Elza negra, negra Elza • CBS • *LP*
32. (1980) Com que roupa • Odeon • *LP*
33. (1979) Se acaso você chegasse • Odeon • *Compacto Duplo*
34. (1978) Sei lá Mangueira • Odeon • *Compacto simples*
35. (1977) Pilão + raça = Elza • *LP*
36. (1975) Com que roupa. Com Miltoninho • Odeon • *LP*
37. (1975) Rio carnavais dos carnavais • Odeon • *Compacto simples*
38. (1975) Aquarela brasileira • Odeon • *Compacto simples*
39. (1975) Aquarela brasileira • Odeon • *LP*
40. (1974) Festa da vinda • Odeon • *Compacto simples*
41. (1974) Festa da vinda • Odeon • *Compacto Duplo*
42. (1974) Capital do tempo • Odeon • *Compacto simples*
43. (1974) Se acaso você chegasse • Odeon • *LP*
44. (1974) Cadeira vazia • Odeon • *Compacto Duplo*

45. (1974) Salve a Mocidade • Tapeçar • *LP*
46. (1974) Quem é bom já nasce feito • Tapeçar • *LP*
47. (1974) Samba, minha raiz • Tapeçar • *LP*
48. (1973) Lendas do Abaeté • Odeon • *LP*
49. (1973) Rio carnavais dos carnavais • Odeon • *Compacto Duplo*
50. (1973) O pato • Odeon • *Compacto Duplo*
51. (1973) Acorda Portela • Odeon • *Compacto Duplo*
52. (1973) Mangueira em tempo de folclore • Odeon • *Compacto simples*
53. (1973) Elza Soares • Odeon • *LP*
54. (1972) Sangue, suor e raça. Com Roberto Ribeiro • Odeon • *LP*
55. (1972) Rio-carnaval dos carnavais • Odeon • *Compacto simples*
56. (1972) Rainha da roda • Odeon • *Compacto simples*
57. (1972) Grade do amor • Odeon • *LP*
58. (1972) Swing negrão. Com Roberto Ribeiro • Odeon • *LP*
59. (1972) Elza pede passagem • Odeon • *LP*
60. (1972) Rio carnaval dos carnavais • Odeon • *Compacto simples*
61. (1972) Maria vai com as outras • Odeon • *LP*
62. (1972) Grade do amor. Com Roberto Ribeiro • Odeon • *Compacto Duplo*
63. (1972) Lendas do Abaeté. Com Roberto Ribeiro • *Compacto simples*
64. (1972) Recordações de um batuqueiro. Com Roberto Ribeiro • Odeon • *Compacto Duplo*
65. (1971) Se acaso você chegasse • Odeon • *LP*
66. (1970) Samba & mais sambas • Odeon • *LP*
67. (1970) Mas que nada/Mácara negra • Odeon (Itália) • *Compacto simples*
68. (1969) Elza, carnaval & samba • Odeon • *LP*
69. (1969) A flor e o samba • Odeon • *Compacto simples*
70. (1969) Onde está meu samba? • Odeon • *LP*
71. (1969) Bahia de todos os deuses • Odeon • *Compacto simples*
72. (1969) Bis • Odeon • *Compacto simples*
73. (1969) Boogie-woogie na favela • Odeon • *LP*
74. (1969) Heróis da liberdade • Odeon • *LP*
75. (1969) Lendas e mistérios da Amazônia • Odeon • *Compacto simples*
76. (1969) A flor e o samba • Odeon • *Compacto simples*
77. (1969) Juntinho de novo • Odeon • *LP*
78. (1968) Balanço zona sul • Odeon • *LP*
79. (1968) Portela querida • Odeon • *Compacto simples*
80. (1968) Lapinha/Presssentimento • Odeon • *Compacto simples*
81. (1968) Onde está meu samba • Odeon • *Compacto simples*
82. (1968) Diálogo de crioulos • Odeon • *LP*
83. (1968) O bonde de São Januário • Odeon • *Compacto Duplo*
84. (1968) Mestre-sala • Odeon • *LP*
85. (1968) Capoeira • Odeon • *LP*
86. (1968) Sei lá Mangueira • Odeon • *Compacto simples*
87. (1968) Elza Soares & Wilson das Neves • *LP*
88. (1967) Palmas no portão • Odeon • *Compacto simples*
89. (1967) Palmas no Portão • Odeon • *LP*
90. (1967) O mundo encantado de Monteiro Lobato • Odeon • *LP*
91. (1967) Negro telefone • Odeon • *LP*
92. (1967) Com que roupa • Odeon • *LP*
93. (1967) Isso não se faz/Unha e carne • Odeon • *Compacto simples*

94. (1967) Portela querida/Sofri • Odeon • *Compacto simples*
95. (1967) O máximo em samba • *LP*
96. (1966) Com a bola branca • Odeon • *LP*
97. (1966) Quizumba/A infelicidade • Odeon • *Compacto simples*
98. (1966) De amor ou paz/Toque balanço • Odeon • *Compacto simples*
99. (1965) O neguinho e a senhorita/O que passou, passou • Odeon • *Compacto simples*
100. (1965) Um show de beleza • Odeon • *LP*
101. (1965) O samba brasileiro • Odeon • *LP*
102. (1965) Verão do meu Rio • Odeon • *LP*
103. (1965) O neguinho e a senhorita • Odeon • *LP*
104. (1964) Na roda do samba • Odeon • *LP*
105. (1964) Receita de balanço/Na roda do samba • Odeon • *Compacto simples*
106. (1963) Só danço samba/Sim e não • Odeon • 78
107. (1963) Eu sou a outra/Amor impossível • Odeon • 78
108. (1963) Volta por cima • Odeon • *Compacto Duplo*
109. (1963) Vou rir de você • Odeon • *Compacto Duplo*
110. (1963) Sambossa • Odeon • *LP*
111. (1962) Maria, Mária, Mariá • Odeon • *Compacto Duplo*
112. (1962) Ziriguidum/Maria, Mária, Mariá • Odeon • 78
113. (1962) Avec no Leblon/Aconteceu um novo amor • Odeon • 78
114. (1961) Eu e o Rio • Odeon • *LP*
115. (1961) Beija-me • Odeon • *LP*
116. (1961) Mulata assanhada • Odeon • *LP*
117. (1961) Boato/O samba está com tudo • Odeon • 78
118. (1961) Cadeira vazia/Ziriguidum • Odeon • *Compacto simples*
119. (1961) Perdão • Odeon • *Compacto Duplo*
120. (1961) Não põe a mão • Odeon • *Compacto Duplo*
121. (1961) A bossa negra • Odeon • *LP*
122. (1960) Edmundo (In the mood)/Era bom • Odeon
123. (1960) Teleco-teco nº 2/Casa de turfista • Odeon • 78
124. (1960) Se acaso você chegasse • Odeon • *LP*
125. (1960) Tenha pena de mim • Odeon • *LP*
126. (1959) Se acaso você chegasse/Mack the Knife • Odeon
127. (1958) Brotinho de Copacabana / Pra que é que pobre quer dinheiro? Rony • 78

Coletâneas:

- Grandes Sucessos de Elza Soares (Tapecar, 1978)
- Salve a Mocidade (Tapecar, 1997)
- Meus Momentos – Volumes 1 & 2 (EMI Brasil, 1994)
- Elza Soares – Raízes do Samba (EMI Brasil, 1999)
- Sambas e mais sambas - vol. 2 (Raridades) (EMI Brasil, 2003)
- Deixa a nega gingar - 50 anos de carreira (EMI Brasil, 2009)

DVDs

Beba-me - Elza Soares ao vivo, direção de José Miguel Wisnik e Wadim Nikitim. Biscoito Fino: 2007.

Elza canta e chora Lupi, idealizado por Glauber Amaral com direção de Rene Goya, 2016.

Composições:

- Perdão, Vila Isabel (com Gérson Alves) (1972)
- Swing Negrão (1972)
- Louvei Maria (1974)
- Enredo de pirraça (com Gérson Alves) (1977)
- Língua de pilão (1977)
- Abertura (1979)
- Exagero (com Glaucus Xavier) (1985)
- Somos todos iguais (1985)
- Liberdade de amar (com Iberê Melodia) (1997)
- Lata D'Água (1999)
- A cigarra (com Letícia Sabatella) (2002)
- Samba crioula (2002)
- Acorda Portela (2003)

Livros:

SOARES, Elza. *Minha vida com Mané*. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

LOUZEIRO, José. *Elza Soares: cantando para não enlouquecer*. Rio de Janeiro, Editora Planeta, 1997.

CAMARGO, Zeca. *Elza*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

Documentários:

Elza, de Izabel Jaguaribe e Ernesto Baldan, 2009.

Elza Soares: a rainha do Bebop, de Dimas Oliveira Junior (Oficina de Artes Rosina Pagan, Projeto Memórias: Velhos Nomes, Novos Talentos), 2016.

My name is now, de Elizabeth Martins, 2018.

Participação em Filmes

Não ponha a mão, Bucy Moreira, Mutt e Arno Canegal, 1961.

O puritano da Rua Augusta, de Amacio Mazzaropi, 1965.

Musicais

Crioula, de Stella Miranda, 2000.

Elza, com textos de Vinícius Calderoni, direção de Duda Maia, direção musical de Pedro Luís e arranjos de Letieres Leite, 2018.

Entrevistas e depoimentos:

Programa Roda Viva 2002. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=8ko447IATMk>.

HOMENAGENS, PRÊMIOS E INDICAÇÕES

Homenagens:

2012 - Foi enredo da Unidos do Cabuçu, no Grupo de acesso do carnaval carioca.

2013 - Elza Soares recebeu homenagem do Bola Preta de Sobradinho, tradicional agremiação do Distrito Federal. Enredo: “Elza Soares - Planeta Fome, nasce uma Estrela!”

2015 - Elza Soares é homenageada com o Prêmio Plumas & Paetês Cultural;

2016 - Elza Soares recebe o Troféu Raça Negra.

Prêmios e indicações

1999 – Eleita a “Cantora do Milênio” pela BBC, de Londres;

2003 – O álbum “Do cóccix até o pescoço” é indicado como Melhor Álbum de Música Popular Brasileira no Grammy Latino;

2015 – O álbum “A Mulher do Fim do Mundo” recebe o Troféu APCA como Melhor Álbum;

2016 – A canção “Maria da Vila” foi eleita a “Canção do Ano” e o álbum “A Mulher do Fim do Mundo” foi indicado como “Disco do Ano”, ambos no Prêmio Multishow de Música Brasileira. No mesmo ano, “Maria da Vila Matilde” foi indicada como “Melhor Cancão em Língua Portuguesa” e “A mulher do Fim do Mundo” foi eleito o “Melhor Álbum de Música Popular Brasileira”, no Grammy Latino. Ainda em 2016 o álbum “A Mulher do Fim do Mundo” ficou entre os melhores de 2016 (*New Internationalist*, jornal inglês; *Pitchfork*, revista norteamericana e *The New York Times*, jornal norteamericano) e foi considerado o melhor disco do ano, para o jornal *Publico*, de Portugal.

DADOS ARTÍSTICOS DE ELZA SOARES

Por Ricardo Cravo Albim

Em 1953, [Elza Soares] fez o primeiro teste na Rádio Tupi, no programa "Calouros em desfile", de Ary Barroso. No teste interpretou a música "Lama" (Paulo Marques e Alice Chaves), ganhando o primeiro lugar. Seu irmão Avelino, que estudava violão e tocava na Orquestra Garam de Bailes, do maestro Joaquim Naegli, comentou com este sobre a irmã e do prêmio que [ela] havia ganho no programa de Ary Barroso. Após um teste com o maestro, foi contratada como *crooner* [da orquestra]. Trabalhou na orquestra até 1954, quando ficou grávida.

No ano seguinte, após ser liberada pelo médico do resguardo do parto, fez um show no Clube da Imprensa e foi convidada a assistir à peça "Jou-jou-Fru-fru", de Silva Filho, no Teatro João Caetano, onde conheceu Mercedes Batista, que a convidou para participar do elenco de bailarinas. Pouco tempo depois, estava contracenando com Grande Otelo na peça que se tornaria um grande sucesso de público na época. Em 1958, viajou para a Argentina com a Companhia de Mercedes Batista, apresentando-se no Teatro Astral.

No ano de 1959, ao regressar ao Brasil, foi contratada por Walter Silva para a Rádio Vera Cruz. Na emissora, conheceu Moreira da Silva, que a levou para cantar no Texas Bar, em Copacabana, fazendo contato com Sylvia Telles e Aloísio de Oliveira, que a convidou para gravar. Ainda em 1959 gravou pela Odeon um 78 rpm com as músicas "Se acaso você chegasse" (Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins) e "Mack the Knife".

No ano seguinte, foi para São Paulo trabalhar no show "Festival Nacional de Bossa Nova", realizado no Teatro Record e na Boate Oasis. Por essa época, gravou o primeiro LP, "Se acaso você chegasse", pela Odeon. Logo depois [...], em 1961, gravou seu 2º disco, "A bossa negra", lançado pela Odeon nesse mesmo ano e relançado pela Universal Music em 2003. O disco contou com 12 faixas, dentre as quais "Marambaia" e "Beija-me".

Em 1962, fez apresentações como representante do Brasil na Copa do Mundo no Chile, onde conheceu Louis Armstrong (representante artístico dos Estados Unidos), que lhe propôs fazer carreira nos EUA. Conheceu Garrincha, com quem se casaria e manteria um relacionamento conturbado.

No ano seguinte, em 1963, gravou pela Odeon o LP "Sambossa", com as composições "Rosa morena" (Dorival Caymmi), "Só danço samba" (Tom Jobim e

Vinicius de Moraes) e "A banca do distinto" (Billy Blanco), entre outras. Em 1964, ainda pela Odeon, gravou o disco "Na roda do samba", com os sucessos "Pressentimento" (Elton Medeiros e Hermínio Bello de Carvalho) e "Princesa Isabel", de Sérgio Ricardo.

Entre 1963 e 1967, gravou vários compactos e LPs. Em 1967, apresentou-se em shows como "Bahia de todos os santos", no Teatro Copacabana, e "Elza de todos os sambas", no Teatro Santa Rosa. Recebeu do então governador do Rio de Janeiro, Negrão de Lima, o diploma de "Embaixatriz do samba", do Conselho de Música Popular do Museu da Imagem e do Som, por iniciativa do então presidente da instituição, Ricardo Cravo Albin.

[Em função da Ditadura Militar no Brasil] Transferiu-se para a Itália, onde morou acompanhada de Mané Garrincha. Na Itália apresentou-se no Teatro Sistina, em Roma, retornando ao Brasil em 1972, montando o show "Elza em dia de graça". Apresentou-se no Teatro Opinião e fez temporada no navio italiano Eugenio C. Cantou também no Canecão, no espetáculo "Brasil export show". Fez uma temporada de duas semanas na boate Number One, no Rio de Janeiro.

Na década de 1970, gravou o disco "Elza, Miltoninho & samba", em dupla com o cantor Miltoninho. Em 1973, apresentou-se em São Paulo no Teatro Brasileiro de Comédia, com o show "Viva Elza", depois levado para outras capitais do país. No ano seguinte, participou do programa radiofônico "MPB - 100 Anos Ao Vivo", apresentado e produzido por Ricardo Cravo Albin, para mostrar a história da MPB em cadeia nacional de rádio. A série radiofônica gerou vários LPs de igual título, da qual a cantora participou dos números sete e oito, cantando os sambas dos anos 60 e 70.

No início da década de 1980, trabalhou na boate paulista Madame Satã, no show "A vingança será maligna", juntamente com o grupo Os Titãs. Em 1984, Caetano Veloso a convidou para participar do disco "Velô", dividindo com ela a música "Língua", composição do próprio Caetano. No ano seguinte, o compositor baiano e Lobão produziram o LP "Somos todos iguais".

Em 1986, com o falecimento de seu filho Garrinchinha, em decorrência de um acidente automobilístico, resolveu ir para o exterior onde permaneceu nove anos, transitando entre a Europa e os Estados Unidos. Em 1988 gravou o LP "Voltei".

Regressou de vez ao Brasil em 1994. Dois anos depois, interpretou com Lobão a música "Se acaso você chegasse", no disco "Casa de samba", produzido por Rildo Hora.

Por essa época, participou do CD "Bordões", de João de Aquino, interpretando "Canário da terra" (João de Aquino e Aldir Blanc).

Em 1997, lançou o disco "Trajetória". Com participação especial de Zeca Pagodinho, o disco ainda reuniu composições de Chico Buarque, Guinga e Aldir Blanc, Noca da Portela, Nei Lopes, João Roberto Kelly, Arlindo Cruz, entre outros. Com esse trabalho, ganhou o Prêmio Sharp de "Melhor Cantora de Samba". Ainda em 1997, José Louzeiro lançou sua biografia, "Elza Soares: cantando para não enlouquecer", pela Editora Globo.

No ano de 1999, lançou de forma independente o disco "Carioca da gema". Em novembro desse mesmo ano, participou em Londres do show "Desde que o samba é samba" no Royal Albert Hall, ao lado de Chico Buarque, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Virgínia Rodrigues. Lançou o CD duplo "Meus Momentos", com um repertório de músicas consagradas por sua voz. Nesse mesmo ano lançou, pela EMI, a compilação "Raízes do Samba", com 20 clássicos da MPB, dentre os quais "Se acaso você chegasse", "Devagar com a louça", "Salve a Mocidade", entre outros.

Em 20 de janeiro de 2000, estreou no Teatro 2 do Centro Cultural Banco do Brasil o musical "Crioula", de Stella Miranda. O musical sobre sua vida contou com a música "Dura na queda" (Elza desafinou nº 2) composta por Chico Buarque, e ainda músicas inéditas de outros compositores, como "Poeira" (Chico César e Stella Miranda), "Não nasci pra Cinderela" (Humberto Araújo e Nei Lopes) e "Meninos e meninas" (Tim Rescala). O show sobre sua vida e sua obra foi estrelado por Zezé Polessa, Elisa Lucinda, Kacau Gomes, Sheila Mattos, Tuca Andrade e mais seis atores e seis músicos. Ainda nesse ano, estreou o show "Dura na queda", no Teatro Glória do Rio de Janeiro. O show, cujo título foi tirado da canção homônima que Chico Buarque compôs em sua homenagem para o musical "Crioula", contou com a participação da Banda AfroReggae, e teve a direção de Gringo Cardia e José Miguel Wisnik. Nesse mesmo ano, participou do CD "Cole Porter, George Gershwin - canções, versões", produzido e letrado por Carlos Rennó. No disco, dividiu com Chico Buarque a música "Façamos! (Vamos amar), versão para "Let's do it" (Let's fall in love), de Cole Porter.

Por essa época, participou do programa "Millenium concert", da BBC de Londres, gravado no Teatro Glória do Rio de Janeiro. Em 2002, "Façamos!" (Vamos amar), foi incluída na trilha sonora da novela "Desejos de mulher", da Rede Globo. Fez uma participação especial no espetáculo de dança "Folias Guanabara" do Corpo de Dança da Maré (RJ). Em maio de 2002, "Façamos!" (Vamos amar), foi incluída no CD

"Duetos" de Chico Buarque. Ainda em 2002 lançou o CD "Do cóccix até o pescoço", produzido por José Miguel Wisnik. No CD interpretou as inéditas "Dor de cotovelo" (Caetano Veloso), "Hoje é dia de festa" (Jorge Benjor), "Eu vou ficar aqui" (Arnaldo Antunes) e "Dura na queda" (Chico Buarque) e ainda "Façamos!" (Vamos amar), em dupla com Chico Buarque, além de uma versão para tango de "Fadas", choro de Luiz Melodia. Também foram incluídas "A carne" (Marcelo Yuka, Seu Jorge e Wilson Cappelletto), "Etnocopop" (Carlinhos Brown), "Haiti" (Caetano Veloso e Gilberto Gil), "Bambino", choro de Ernesto Nazareth letrado por José Miguel Wisnik, "Flores horizontais", poema de Oswald de Andrade, musicado por José Miguel Wisnik e também duas composições de sua autoria: "Samba crioula" e "A cigarra", esta última, em parceria com a atriz Letícia Sabatella.

Participou do disco "Ciranda brasileira", projeto da Nestlé com renda revestida para crianças carentes. No CD interpretou a faixa "História de amor", de autoria de Denise Mendonça. Participou do disco e do DVD "Jorge Aragão ao vivo convida", pela gravadora Indie Records. Foi eleita a "Cantora do ano" no primeiro Prêmio Rival BR.

Em 2003 apresentou-se no Teatro Rival BR lançando o CD "Do cóccix até o pescoço". Neste mesmo ano seus discos entre os anos de 1960 e 1978 foram reeditados pela gravadora EMI. Participou da trilha sonora do filme "Lisbela e o prisioneiro", dirigido por Guel Arraes, disco no qual interpretou "Espumas ao vento", de Accioly Neto. A gravadora EMI lançou a caixa de título "Negra", com 12 CDs reunindo 27 títulos da carreira da cantora entre os anos de 1960 e 1988, além de faixas-bônus e uma compilação de compactos.

Ao lado de Dona Ivone Lara, Wilson Moreira, Elton Medeiros, Cristina Buarque, Monarco, Velha Guarda da Portela, Renato Braz, Teresa Cristina, Mart'nália, Cristina Buarque, Nilze Carvalho, Seu Jorge e Walter Alfaiate, entre outros, participou do CD "Um ser de luz - saudação à Clara Nunes", lançado pela gravadora Deckdisc. No final de ano de 2003 lançou o CD "Vivo feliz", no qual foi incluído o clássico "Opinião", de autoria de Zé Kéti.

No ano de 2004 ganhou o "Prêmio Tim" na categoria "Melhor Cantora" de pop-rock. Em 2005 participou do bloco do documentário "Brasileirinho", do cineasta finlandês Mika Kaurismaki, radicado no Rio de Janeiro desde o início da década de 1990. Do documentário sobre o gênero "choro" também fizeram parte Tereza Cristina, Yamandú Costa e Paulo Moura, entre outros. O filme foi lançado no "Fórum

Internacional do Novo Cinema", uma das mostras paralelas do "Festival de Berlim", na Alemanha.

Em 2007 foi convidada pela emissora Rádio MPB FM para participar do projeto "Palco MPB", para o qual apresentou show no Estrela da Lapa, no qual interpretou alguns de seus maiores sucessos da carreira, entre os quais "Salve a Mocidade" (Luiz Reis), "Boato" (João Roberto Kelly), "Edmundo" (versão para 'In the mood' de J. Garland e A. Razaf), "Eu só quero ser feliz" (Doca e MC Cidinho) e "Pranto livre" (Everaldo da Viola e Dida).

Neste mesmo ano lançou o primeiro DVD da carreira "Beba-me - Elza Soares ao vivo", gravadora Biscoito Fino. O DVD foi gravado em show no Sesc da Vila Mariana, em São Paulo, com direção de José Miguel Wisnik e Wadim Nikitim, no qual interpretou 22 composições, entre as quais "Se acaso você chegasse" (Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins), "Dura na queda" (Chico Buarque), "Dor de cotovelo" (Caetano Veloso), "Malandro" (Jorge Aragão e Jotabê), "Flores horizontais" (José Miguel Wisnik e Oswald de Andrade), "A carne" (Marcelo Yuca, Seu Jorge e Wilson Cappelletto), "Fadas" (Luiz Melodia), "Volta por cima" (Paulo Vanzolini), "O neguinho e a senhorita" (Noel Rosa de Oliveira e Abelardo da Silva) e "O meu guri" (Chico Buarque). Neste mesmo ano fez turnê com o CD e DVD pela Itália e Chile. Participou do elenco do filme "Chega de Saudade", e da trilha sonora do mesmo, lançada em CD pela Universal Music.

Em 2009 através de seu selo musical Pívetz, criado em parceria com seu marido mineiro, o empresário Bruno Lucide, lançou o CD "Arrepios", em parceria com o violonista e compositor João de Aquino. No CD, gravado em 1998 [2010?], com apenas a voz da cantora e o violão de João de Aquino, foram incluídas as composições "Drão" (Gilberto Gil), "Como uma onda" (Lulu Santos e Néelson Motta), "Canário da terra" (João de Aquino e Aldir Blanc), "Juventude tansviada" (Luiz Melodia) e "Devagar com a louça" (Luiz Reis e Haroldo Barbosa), entre outras. O disco teve pré-lançamento em show na casa noturna Posto 8 (ex-Mistura Fina), na zona sul do Rio de Janeiro.

Em 2010 relançou em formato CD, pelo selo Discobertas, o LP "Pilão + Raça = Elza", de 1977, que contou com a direção musical de Gilson Peranzetta e com a participação de Hélio Delmiro (violão) e Copinha (flauta). O disco "Somos todos iguais", gravado em 1985, também foi relançado em CD, incluindo o dueto com Caetano Veloso na versão da canção "Sophisticated Lady". Nesse mesmo ano, foi lançado o longa metragem "Elza", de Isabel Jaguaribe e Ernesto Baldan. Este

documentário sobre sua vida contou com depoimentos de personalidades e de seu próprio testemunho.

Em 2011 participou do "Projeto Quintas no BNDES", em que apresentou o show "Arrepios" no auditório do BNDES, no Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano participou do projeto "Pixinguinha in Jazz", ao lado dos músicos Laudir de Oliveira, Paulo Russo, Paulinho Black, Jessé Sadoc e Kiko Continentino, da Historic Brazilian Jazz Band. O show, realizado no Teatro Rival, no Rio de Janeiro, foi produzido por Maurício D'Amico e Bruno Lucide.

Participou dos volumes sete e oito do box "100 Anos de Música Popular Brasileira", no qual interpretou as faixas "Dia de graça" (Candeia), "Canta, canta, minha gente" (Martinho da Vila), "Vem chegando a madrugada" (Noel Rosa de Oliveira e Adil de Paula "Zuzuca do Salgueiro"), "Quando vim de Minas" (Xangô da Mangueira), "Maledicência" (Carlão e Sidney da Conceição), "Ê baiana" (Fabrício Silva, Baianinho, Santos Ribeiro e M. Pancrácio), "A infelicidade" (Niltinho Tristeza e Mauro Duarte), "Sei lá Mangueira" (Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho). O box, extraído de oito LPS lançados pela Tapeçar no ano de 1975, em coleção produzida pelo crítico musical e radialista Ricardo Cravo Albin a partir de seus programas radiofônicos "MPB 100 ao vivo", com gravações ao vivo realizadas no auditório da Rádio MEC entre os anos de 1974 e 1975, é integrado por quatro CDs duplos, contendo oito LPs remasterizados, e foi relançado no ano de 2011 pelo Selo Discobertas, do pesquisador Marcelo Fróes, em convênio com o Instituto Cultural Cravo Albin.

Ainda em 2011 fez uma participação especial no disco duplo "O samba carioca de Wilson Baptista", lançado pela Biscoito Fino, no qual interpretou a faixa "Artigo Nacional" (Wilson Baptista e Germano Augusto). Apresentou-se ao lado do grupo Farofa Carioca no palco do Teatro Rival, no Rio de Janeiro. Em 2012 realizou uma pequena temporada do show "Deixa a Nega Gingar", no Teatro Rival, no Rio de Janeiro, acompanhada dos músicos JP Silva (violão de 7 cordas, cavaco, bandolim e direção musical), Rodrigo Ferreira (baixo), Nelson Freitas (piano, teclado e acordeom), Paulinho Black (bateria) e o DJ Ricardo Muralha, que fez intervenções eletrônicas Ao vivo.

No ano de 2013 participou do projeto "Inusitado", criado e dirigido por André Midani para o espaço Cidade das Artes, para o qual montou espetáculo de voz e música eletrônica em parceria com DJ Muralha, no qual explorou os recursos de sua voz em dueto com a música eletrônica, fazendo novas versões para alguns de seus sucessos, tais

como "Malandro", "A carne", "A flor e o espinho", "Nega do cabelo duro" e "Eu vou ficar aqui".

Em 2014, com o título "Fogo e Paixão", apresentou-se no projeto "MPB na ABL", comandado por Ricardo Cravo Albin, no qual a cantora falou sobre a vida e a obra, e interpretou composições de um roteiro feito exclusivamente para a ocasião, no qual constaram as músicas "Insensatez" (Tom e Vinicius), "O meu guri" (Chico Buarque), "Malandro" (Jorge Aragão e Jotabê), "Pra frente Brasil" (Miguel Gustavo), ainda, composições do show "Elza Soares - Fogo e paixão - 100 Anos de Lupicínio", tais como "Esses moços", "Felicidade" e "Nunca", todas de Lupicínio Rodrigues, e ainda "Se acaso você chegasse", Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins, que a lançou como cantora em 1959.

Em 2015 lançou o CD "A mulher do fim do mundo", produzido por Guilherme Kastrup e direção musical de Romulo Fróes e Celso Sim. O disco, patrocinado pelo projeto "Natura Musical", contou com repertório inédito com as faixas "Coração do mar" (poema de Oswald de Andrade musicado por José Miguel Wisnik), "Benedita" (Celso Sim, Pepê Mata Machado, Joana Barossi e Fernanda Diamant), "Comigo" (Romulo Fróes e Alberto Tassinari), "Dança" (Kaká Machado e Romulo Fróes), "Firmeza?!" (Rodrigo Campos), "Luz vermelha" (Kiko Dinucci e Clima), "Maria da Vila Matilde" (Douglas Germano), "A mulher do fim do mundo" (Romulo Fróes e Alice Coutinho), "O canal" (Rodrigo Campos), "Pra fuder" (Kiko Dinucci), "Solto" (Marcelo Cabral e Clima). Apresentou o show de lançamento do CD "A mulher do fim do mundo" no Teatro Oi Casagrande, no Rio de Janeiro. O CD "A mulher do fim do mundo", foi eleito pela crítica do Jornal O Globo como um dos dez melhores álbuns de 2015.

Em 2016 lançou o DVD "Elza canta e chora Lupi", idealizado por Glauber Amaral sob a direção de Rene Goya, no qual interpretou músicas de Lupicínio Rodrigues, em show apresentado no Theatro São Pedro, em Porto Alegre (RS). Gravou a música "Identidade" (Jorge Aragão) no Sambabook em homenagem a Jorge Aragão. Participou da 27ª edição do "Prêmio da Música Brasileira", realizado no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em homenagem ao cantor e compositor Gonzaguinha. Na ocasião, interpretou "O que é o que é", acompanhada dos músicos Pretinho e Thiago da Serrinha e foi contemplada com o prêmio de "Melhor Álbum" na categoria "Pop/Rock/Reggae/Hip Hop/Funk", com o disco "A mulher do fim do mundo". Participou da Cerimônia de Abertura das Olimpíadas 2016, no Estádio do Maracanã, no

Rio de Janeiro, interpretando “Canto de Ossanha” (Baden Powell e Vinicius de Moraes), acompanhada das cantoras Larissa Luz, Máira Freitas e Dandara Ventapane.

Em 2017 lançou o CD “End of the world – Remixes”, voltado para o mercado fonográfico internacional, com remixes das músicas do disco de 2015 “A mulher do fim do mundo”, feito por nomes conhecidos da cena eletrônica mundial. Foi contemplada pelo “28º Prêmio da Música Brasileira” com o prêmio de “Melhor Cantora de Samba” pelo disco “Delírio no Circo”. Foi contemplada pelo “28º Prêmio da Música Brasileira” com o prêmio de “Melhor Álbum” na categoria “Canção Popular” pelo disco “Elza canta e chora Lupi”. Apresentou-se pela primeira vez no festival “Rock in Rio”, como convidada especial do *rapper* Rael em seu show realizado no palco Sunset.

Em 2018 lançou o CD “Deus é mulher”, produzido por Guilherme Kastrup, que incluiu as músicas “O que se cala” (Douglas Germano), “Exu nas escolas” (Kiko Dinucci e Edgar), “Banho” (Tulipa Ruiz), “Eu quero comer você” (Romulo Fróes e Alice Coutinho), “Um olho aberto” (Mariá Portugal), “Deus há de ser” (Pedro Luís), “Dentro de cada um” (Luciano Mello e Pedro Loureiro), com a participação do grupo afro Ilú Obá de Min, entre outras. O show de lançamento do disco foi apresentado no SESC Vila Madalena, em São Paulo, em que esteve acompanhada pelos músicos Guilherme Kastrup (bateria) com Mestre DaLua (percussão), Rafa Barreto (guitarra e sintetizadores), Rodrigo Campos (cavaquinho e guitarra) e Luque Barros (baixo e sintetizadores). Ainda em 2018 gravou, ao lado de Liniker, a música inédita “Foi você, fui eu” (Garbato Bros), para a trilha sonora da segunda temporada da série “Carcereiros”, da TV Globo. Gravou o clipe de cunho feminista “Escuta as minas”, ao lado das cantoras da Bahia e a Cozinha Mineira, Mart’nália e Karol Conka.

ELZA SOARES

Por Rodrigo Faour (2000)

Uma das figuras mais extravagantes, talentosas e de estilo ímpar da MPB chama-se Elza Soares. Surgida em 1959, recriando o samba “Se acaso você chegasse”, do repertório de Cyro Monteiro, ela chegou e arrasou. [...] É impossível não notar a presença de Elza onde quer que ela chegue. [...] Sua voz rouca e rítmica – única – parece mais um instrumento de percussão quando canta samba. Tudo isso, aliado aos seus “scats”, deu uma forma inteiramente nova aos dois estilos de samba que se conhecia quando ela surgiu, o samba de raiz e a bossa nova, criando um estilo novo que chegou mesmo a ser chamado de “bossa negra” para implicar com a bossa “branca” feita pelos riquinhos da zona sul do Rio.

Com o passar do tempo, Elza modernizou-se ainda mais. Os arranjos de seus discos deixaram de ser excessivamente orquestrados, como na fase áurea em que gravou na Odeon, entre 1959 e 1974, e passaram a ser na maioria das vezes mais percussivos. Isso quando ela conseguia gravar. Após uma fase de menos prestígio, nos anos 70, quando gravou no selo Tapeçar, a partir dos 80, ela cortou um dobrado para conseguir se impor num mercado cada vez mais curvado aos modismos. Aliás, não foi só em relação a isso que ela precisou lutar em sua vida. Segundo José Louzeiro, que em 1997 escreveu a biografia “Cantando para não enlouquecer”, ela teve pelo menos seis altos e baixos em sua vida e carreira.

Elza experimentou emoções fortes em sua trajetória. Da miséria à riqueza, do assédio ao descaso da mídia, da paixão ao abandono. Algumas vidas e algumas mortes. Foi lavadeira, casou-se forçada pelo pai aos 12 anos e chegou a perder três filhos, que morreram de fome. Mesmo assim, nunca foi de esmorecer: foi com a cara e a coragem num programa de Ary Barroso e ganhou a nota máxima, após passar pelo constrangimento de ouvir do apresentador piadas devido à sua origem humilde. Depois foi para a Argentina, onde trabalhou com a Companhia de Mercedes Batista. Anos mais tarde conseguiu a chance de cantar no rádio e gravar na Odeon graças aos cantores Moreira da Silva e Silvinha Telles. Ganhou fama, sucesso e dinheiro; construiu a primeira casa com piscina, ganhou elogios de Louis Armstrong, no Chile, em 1962, e se casou com Garrincha, o mito do futebol brasileiro, com quem viveu uma intensa paixão.

Na época das vacas gordas, chegou a ganhar 300 contos quando o craque do futebol, no seu auge, ganhava apenas 50. Aturou o alcoolismo desse mesmo homem,

ainda por cima comendo o pão que o diabo amassou por causa da opinião pública, que julgava ter sido sua a culpa de Garrincha ter morrido pobre e desamparado. Mesmo com tanta perseguição, no auge da carreira, nos anos 60, gravou e fez muito sucesso com discos clássicos como “O máximo em samba” (1967), “Elza Soares & Wilson das Neves” (1968), uma série de três álbuns com Miltoninho (“Elza, Miltoninho e samba”), verdadeiras aulas de ritmo, e, em 1972, bateu o pé em sua gravadora e conseguiu dividir um LP com o então estreante sambista Roberto Ribeiro – “Sangue, suor e raça”.

Foi nos anos 60 que teve o maior número de sucessos, como “Se acaso você chegasse”, “Boato”, “Edmundo” (versão de “In the mood”), “Beija-me”, “Devagar com a louça”, “Mulata assanhada”, “O mundo encantado de Monteiro Lobato”, “Bahia de todos os deuses”, “Palmas no portão”, “Palhaçada”, ainda que nos anos 70 tenha brilhado com “Salve a Mocidade” (1974) e “Malandro” (1977), esta última lançando Jorge Aragão como compositor. Mais tarde, perdeu tudo que possuía. Ficou sem emprego, chegou a pensar em desistir de cantar. Foi quando Caetano Veloso a convidou para gravar “Língua”, em seu LP “Velô”, em 1984, que Elza voltou a ser notada pela mídia. Em 1985, o roqueiro Lobão e o mesmo Caetano patrocinaram um disco coroando sua volta, “Somos todos iguais”. “Voltei”, o seguinte, viria três anos depois. Ambos, sem o merecido sucesso. Nesse meio tempo, mais uma tragédia: perdeu outro dos nove filhos que teve – o Garrinchinha – num acidente de carro, em 1986.

Tentou a sorte fora do país de 1986 a 1994, mas não deu certo. Depressões, desencantos. Elza, no entanto, sempre soube recomeçar e toda vez que pisou num palco, causou comoção. Porque seu vigor, mesmo já depois dos 60, era espantoso. [...] Musicalmente, a influência do jazz passou a ser mais forte, mas, mesmo assim, nunca deixou de gravar pérolas tipicamente brasileiras, como sambas-de-enredo, dos quais Elza sempre foi exímia intérprete.

Não foram apenas os arranjos que mudaram em seus discos. Elza, com o tempo, aprimorou-se como intérprete, tornando-se cada vez mais visceral e teatral. Ela soube renovar-se e, ao ser convidada para participar do CD “Casa de samba” (1996), voltou a aparecer mais constantemente na mídia. Gravou novo álbum solo após nove anos, “Trajetória” (1997), ganhando com ele o Prêmio Sharp de Melhor Cantora de Samba, e depois o independente “Carioca da gema”, ao vivo (1999). Nesse meio tempo, fez shows em tudo que é canto do Rio de Janeiro e virou tema do musical teatral “Crioula”, no ano 2000, escrito e dirigido por Stella Miranda. Quem já viu a energia de Elza no

palco pode dizer sem exagero que ela não fica a dever, comparada às maiores divas da música popular do planeta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei 12.711 de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em 10/03/2019.

CAMARGO, Zeca. *Elza*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

DECISÃO 134/2007 [que institui o Programa de Ações Afirmativas, através de Ingresso por Reserva de Vagas para acesso a todos os cursos de graduação e cursos técnicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS]. Porto Alegre: Consun/UFRGS, 2007. Disponível em https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/145263/norma_Dec_CONSUN_publicavel_2007_134_1780.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 12/03/2019.

DICIONÁRIO CRAVO ALVIM DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA – ELZA SOARES. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/elza-soares>. Acesso em 20/02/2019.

ELZA SOARES. Intérpretes, álbuns, compositores e fonogramas. Disponível em <https://www.immub.org/busca/universal?term=elza+soares>. Acesso em 22/02/2019.

ELZA SOARES: A RAINHA DO BEBOP, de Dimas Oliveira Junior (Oficina de Artes Rosina Pagan, Projeto Memórias: Velhos Nomes, Novos Talentos), 2016.

ELZA SOARES: CONVERSA COM BIAL. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P4AAdGmSFO0>. Acesso em 27/02/2019.

ELZA SOARES: PROGRAMA ENSAIO. 1991. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MCIOB9fU0iI>. Acesso em 03/03/2019.

ESCUTA AS MINAS. Canção-manifesto. Disponível em <https://vimeo.com/295838087>.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

PRASS, Luciana; ZANATTA, Luciano de Souza; ABREU, Caroline Soares *et al.* *Projeto de criação do Bacharelado em Música Popular na UFRGS*. Porto Alegre: DEMUS, 2010. Digi.

PRESSER, Jean. *Formação de músicos no Bacharelado em Música Popular: um estudo de caso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PPGMUS/UFRGS, 2013. Dissertação de Mestrado.

_____. *Músicos populares na academia: um estudo de caso com estudantes do Bacharelado em Música Popular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PPGMUS/UFRGS, 2018. Tese de Doutorado.

PROGRAMA RODA VIVA – ELZA SOARES. 2002. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8ko447IATMk>. Acesso em 26/02/2019.

RODRIGO FAOUR ENTREVISTA ELZA SOARES E DESENCAVA SUA PRIMEIRA RARÍSSIMA GRAVAÇÃO. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EGXJqky4Y_Q&list=PLy0uOXL7j34YYSiEySeVwJ401MySkXHZJ&index=12&t=0s. Acesso em 03/03/2019.

BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira - Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

ALBIN, Ricardo Cravo. *MPB, a história de um século*. Rio de Janeiro: Atrações Produções Ilimitadas/MEC/Funarte, 1997.

ALBIN, Ricardo Cravo. *O Livro de Ouro da MPB*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A., 2003.

AMARAL, Euclides. *Alguns Aspectos da MPB*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008. 2ª ed. Esteio Editora, 2010. 3ª ed. EAS Editora, 2014.

AMARAL, Euclides. *O Guitarrista Victor Biglione & a MPB*. Rio de Janeiro: Edições Baleia Azul, 2009. 2ª ed. Esteio Editora, 2011. 3ª ed. EAS Editora, 2014.

CAMARGO, Zeca. *Elza*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

CASTRO, Ruy. *Estrela solitária - Mané Garrincha*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

CHAVES, Xico e CYNTRÃO, Sylvia. *Da Pauliceia à Centopeia Desvairada - as Vanguardas e a MPB*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999.

COSTA, Cecília. *Ricardo Cravo Albin: Uma vida em imagem e som*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2018.

História do samba. "Capítulo 15". Globo.

LOUZEIRO, José. *Elza Soares - cantando pra não enlouquecer*. São Paulo: Globo, 1997.

MARCONDES, Marcos Antônio. (Ed.). *Enciclopédia da música Brasileira - erudita, folclórica e popular*. 3. ed. São Paulo: Arte Editora/Itaú Cultural/Publifolha, 1998.

REPPOLHO. *Dicionário Ilustrado de Ritmos & Instrumentos de Percussão*. Rio de Janeiro: GJS Editora, 2012. 2ª ed. Idem, 2013.